

# O RELATO DE DISCURSO NA CRÓNICA DA TOMADA DE CEUTA DE GOMES EANES DE ZURARA

*Isabel Margarida Duarte*

Centro de Linguística da Universidade do Porto  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto

*Todo o cronista é um narrador omnisciente. Está na posse das coisas, confortavelmente aquém dos factos e conduz-nos através do seu discurso como um profeta.*

ARMINDO DE SOUSA, «Os cronistas e o imaginário no século XV  
(Breve reflexão sobre a crónica enquanto discurso)»

Neste texto, passo em revista o relato de discurso na *Crónica da Tomada de Ceuta*<sup>1</sup>, de Gomes Eanes de Zurara, tendo por objectivo fazer dialogar esta crónica com a I parte da *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, que estudei, sob o mesmo prisma<sup>2</sup>, num trabalho anterior<sup>3</sup>. Pretendo, a partir do estudo do uso que é feito do relato de discurso, ajudar a perceber se «Zurara utilizou elementos reunidos por Fernão Lopes para aquela que seria a terceira parte da Crónica de D. João I (após 1411)». (Duarte, L.M., no prelo).

O relato de discurso dos protagonistas da ida a Ceuta é muito abundante na crónica escrita por Zurara, sobretudo na forma de discurso directo com intercalada que identifica o locutor, mas também na forma de discurso indirecto. Há capítulos inteiros que são conversas entre D. João I e os Infantes, entre estes e a Rainha, entre o Rei e o seu vedor da fazenda João Afonso, ou o Prior do Hospital, para dar apenas alguns exemplos de locutores cujo discurso é relatado.

<sup>1</sup> Utilizo a edição da Academia de Ciências de Lisboa (1915), organizada por M. Esteves Pereira.

<sup>2</sup> Para justificar esta opção, recorro à seguinte citação: «En un estudio que parta del lenguaje para llegar a las realidades que éste designa, las realidades lingüísticas deben ser estudiadas en primer lugar.» (Contamine, Guenée e Le Goff (1978), cit. por Monteiro, 1988: 20, nota 7).

<sup>3</sup> Trata-se do texto que escrevi para o Volume comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística.

Na escolha destes locutores para, com os seus relatos, construir grande parte do texto da crónica, já se verifica uma notória diferença entre Zurara e Fernão Lopes. Sinal dos tempos e, eventualmente, dos gostos dominantes na corte, a *Crónica de D. João I* (I parte) dá, frequentemente, a palavra à «arraia miúda», a uns e a outros, ou até a «todos», incluindo a burguesia lisboeta e os seus mais autorizados representantes. Tal não acontece, globalmente, no texto de Zurara em apreço, onde só muito esporadicamente se cede espaço para a fala da gente anónima. Esses momentos situam-se, justamente, naqueles capítulos onde a presença de um estilo mais próximo do de Fernão Lopes parece mais nítida, como no capítulo VI, em que o cronista dá conta da alegria causada pela assinatura do tratado de paz com Castela; no capítulo XXIII, em que são narrados os festejos de Natal que o Infante D. Henrique organizara em Viseu ou no capítulo XLIX, onde Zurara descreve a reacção popular à eminente largada das naus, na Ribeira de Lisboa.

O peso talvez excessivo do relato de discurso do Rei e dos Infantes tem de ser entendido no contexto «do Portugal neo-senhorial posterior a Alfarrobeira» (Duarte, L.M., no prelo), bem diferente do Portugal dos tempos conturbados em que Fernão Lopes redigiu a sua crónica.

São muito poucos os sujeitos colectivos e anónimos que intervêm, falando e estes sujeitos colectivos intervêm, justamente, no capítulo XVII, quando a população se junta para ver chegar as galés que tinham regressado de Ceuta:

«os outros da çidade»  
 «alguus dos que hi estavam»  
 «os estrangeiros» (p. 55, todos os exemplos).

Além do relato referido, o texto de Zurara usa, com muito mais frequência do que o de Fernão Lopes, citações, geralmente em discurso indirecto ou na versão indirecta «segundo X», de Doutores da Igreja que funcionam como legitimação religiosa do narrado. Só no Prólogo, são citados: S. Mateus, o profeta (duas vezes), o mestre das sentenças (duas vezes), S. Gregório (duas vezes), S. Lucas, Tobias, o apóstolo S. Paulo, o evangelho de S. João, a santa escritura e Santo Anselmo. Em vez das opiniões ou do testemunho de quem assistiu aos factos para credibilizar a veracidade do seu discurso e do narrado, processo utilizado por Fernão Lopes, Zurara cita autoridades religiosas<sup>4</sup> para legitimar as opiniões do Rei e dos Infantes, assim como usa argumentos religiosos para defender essas opções.

<sup>4</sup> Ao traçar o retrato da época, João Gouveia Monteiro fala do «reconhecimento da autoridade de grandes “fontes comuns” (...)» (Monteiro, 1988: 24), das quais as religiosas seriam as mais importantes.

Quer a cronologia da redacção e revisões da *Crónica da Tomada de Ceuta* quer o percurso pessoal do cronista de D. Afonso V nos levam a ter em consideração os movimentos argumentativos usados para conduzir o leitor à aceitação, à inevitabilidade da presença portuguesa em Marrocos<sup>5</sup>. Como salientou Armindo de Sousa, «As crónicas são discursos, são enunciados que supõem um locutor e um alocutário, havendo no primeiro a intenção de influenciar o segundo duma maneira determinada.» (Sousa, 1994: 46).

Uma outra considerável diferença entre o relato de discurso em Fernão Lopes e em Zurara é que, neste, as réplicas reproduzidas em discurso directo são, por vezes, muito longas (é frequente a mesma réplica ocupar duas e três páginas, até quatro), de vez em quando com apóstrofes, muito retóricas, sem qualquer instrução de oralização e menos verosímeis do que os falares «reproduzidos» por Fernão Lopes. Na *Crónica da Tomada de Ceuta*, não temos interjeições, frases de tipo exclamativo, fraseologias nem outros modos mais vivos de falar que, embora fruto da construção do autor e não, como ingenuamente tenderíamos a crer, reprodução literal de um discurso relatado *ipsis verbis*, traduzem, em geral, uma preocupação de verosimilhança, ao nível da reprodução de discursos, de todo ausente em Zurara.

Aliás, se como o cronista afirma e parece ser verdade, a sua principal fonte é o relato do Infante D. Henrique<sup>6</sup> já idoso, não é de espantar que os discursos relatados dos protagonistas sejam meras peças de argumentação de Zurara, ou talvez, do partido de D. Afonso V.

«Porem tomamdo alguus pedaços que ficaram apegados nas paredes do emtendimemto deste senhor cheas de muy grandes cuidados e çercadas de feitos estranhos com alguuas migalhas que de fora apanhamos. trabalharemos de fazer cousa que pareça jnteira segundo a forma do processo que se segue.» (p. 11)

Por outro lado, Zurara mostra-se menos persuasivo e enérgico em relação ao alocutário da sua crónica e se existem também referências a ele («segundo

<sup>5</sup> Segundo Luís Miguel Duarte, «(...) tudo nos aconselha a que constantemente nos interroguemos se estamos apenas perante uma tentativa de reconstituição histórica tão aproximada quanto possível, consideradas as dificuldades da tarefa, ou se essa reconstituição foi poderosamente influenciada pela visão da presença em Marrocos de um dos partidos em confronto, o qual, sabendo em parte como as coisas acabaram por se passar, reescreve o passado para intervir no presente e multiplica, na crónica, recados para os debates em curso na sociedade portuguesa da segunda metade do século XV. Se entendermos que estas reservas são de acolher, ao menos como postura hermenêutica prévia, fará menos sentido agarrarmo-nos em excesso a esta fala de D. João I ou aquela réplica de um dos Infantes, que Zurara dá como verdadeiras, mas que teriam ocorrido três ou quatro décadas antes e cuja reprodução, nos anos 50 ou 60, era tudo menos inocente.» (Duarte, L. M., no prelo). Não se pode, em boa verdade, falar aqui de reprodução, mas antes de recriação fictiva.

<sup>6</sup> Os historiadores confirmam o quase desaparecimento de D. Pedro e o excessivo protagonismo que adquire, na crónica, o Infante D. Henrique.

bem ouviestes», p. 14; «como acharees ao diante», p. 15), são muito mais discretas e menos frequentes do que em Fernão Lopes, cuja preocupação em convencer e envolver o alocutário faz parte de uma estratégia de sedução mais global, a que me referi noutra ocasião<sup>7</sup>. É provável que o alocutário da *Crónica da Tomada de Ceuta* fosse sociologicamente bem diferente daquele que Fernão Lopes procurou envolver na sua narração dos factos incluídos na *Crónica de D. João I*. E sabe-se que, ao produzir um discurso, o locutor incorpora a imagem que tem do alocutário e as expectativas que lhe atribui.

A estratégia de envolvimento que procurava pôr o alocutário o mais perto possível dos factos narrados, levou a que Fernão Lopes fornecesse, mais do que faz Zurara e com mais pormenores, informações sobre os locutores e o modo como eles falam. Apesar de tudo, o autor da *Crónica da Tomada de Ceuta* inclui, de vez em quando, pequenos apontamentos que remetem para a forma de falar ou os gestos e expressões que acompanham as diferentes réplicas:

«E per esta guisa acabou o Iffamte Dom Hamrique sua rresposta, da quall elRey seu padre foy muyto ledo. e assy com a boca chea de rriso lamçou os braços em elle, e lhe deu a sua beemçom.» (p.47)

«O prioll estava rrijimdo porque uia que elRey nom conheçia sua teemçom, porem disse que (...) » (p. 59).

«E porque sua teemçom fosse melhor dessimullada, disse huu dia comtra o Iffamte Dom Pedro per tall maneyra que o ouuissem todos.» (p. 69).

Uma das razões que explicam, também, a quase ausência de referência, no discurso do narrador que introduz discurso directo, aos pormenores da enunciação que acompanhariam a fala relatada é que Zurara usa, muito mais do que Fernão Lopes, a oração intercalada em vez do discurso introdutor:

«Vossos pensamentos disse elle sam assaz de grandes e bõos.» (p.27).

«Assi lho faley disse Joham Affonso e nam me parece que me respomdeo como eu quisera.» (p.27)

No que tange à estratégia de prender o alocutário, relevei, em Fernão Lopes, entre outros aspectos, a preocupação assumida com a arquitectura macroestrutural do texto, as considerações metadiscursivas sobre o arranjo narrativo<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Cf. nota 3.

<sup>8</sup> Segundo informação do Professor Doutor José Carlos Miranda, a quem agradeço, estas preocupações metanarrativas explicam-se por Fernão Lopes ser um profundo conhecedor do romance arturiano, onde as considerações sobre a arquitectura narrativa eram frequentes.

Este é mais um vector que separa as duas crônicas em análise. Se Zurara se detém, também, em considerações sobre o modo como conta, tais considerações são raras, embora interessantes:

«Em este presente capitullo nos he neçessario que tornemos atras por trazermos nosso proçesso em sua dereita ordenança. Ca muitas vezes se açerta que jazem as primeiras pedras ao pee da obra esperamdo por seu propio lugar. e as derradeiras sam postas no fundamento do liçeçe quando o mestre da geometria laura em seu offiço.» (p. 24).

Não pretendo, com este confronto entre o texto de Fernão Lopes e o de Zurara, desvalorizar o segundo em relação ao primeiro<sup>9</sup>, porque cada um deles foi fruto do respectivo tempo, embora pense que as estratégias de sedução do locutário resultam eficazes em Fernão Lopes, cujo texto é de leitura envolvente, enquanto que os argumentos longamente arrolados nos discursos dos protagonistas da *Crónica da Tomada de Ceuta* se lêem, por vezes, com algum custo. Também Zurara tem, num ou noutro passo, imagens sugestivas:

«e ja desta derradeira vez falaram a seu padre com muito mayor peso como aquelles que teueram mayor espaço para cuidarem no feito.» (p. 28),

situações verosímeis (como o sonho dos Infantes<sup>10</sup> com Ceuta, ainda antes de o Rei ter tomado a decisão final, no capítulo XI), um ou outro resumo de conversa:

«E depois dalguu pequeno rrezoado que sobre aquelle feito ouue, mandou elRey que tirassem.» (p. 59),

ou até a explicação para não incluir relato de palavras que, afinal, o cronista vai utilizar abundantemente de seguida:

«E quem quiser escreuer os falamentos de todos seria huua cousa defusa ou mais dereitamente jnpossiuel. ca elles nam se contentam de contarem o que sabem. mas ajnda acreçentam no que ouuem em muitas partes tam largamente per que fazem aquelles que am descreuer a sustança dos feitos poer em muy grandes duuidas. de guisa que he mais segura parte perguntar a poucas e çertas pessoas que demandar a todos o que perfeitamente nam am rrezam de saber.» (p. 14).

Este excerto justifica a opção do autor, quando ouve apenas um ou outro testemunho (o do Infante D. Henrique, sobretudo) e relata palavras de um

<sup>9</sup> Como, de certo modo, fez Alexandre Herculano.

<sup>10</sup> Sonhos e visões fazem parte das técnicas do maravilhoso medieval (cf. Le Goff, 1985).

número reduzido de locutores: o Rei, poucos nobres dos seus mais próximos e os Infantes, colectivamente considerados, como se falassem sempre em coro. O sujeito plural nos enunciados citadores (situados antes do discurso relatado ou intercalados nele) é uma marca do carácter inautêntico do discurso directo. A autenticidade e credibilidade da citação em discurso directo são postas em causa por serem atribuídas as mesmas palavras a vários locutores em simultâneo, facto que não revela grande preocupação de verosimilhança.

Há, é verdade, alguns momentos em que a escrita de Fernão Lopes parece estar por baixo da de Zurara. São momentos em que o povo comum se anima, festeja, corre em alvoroço: quer para celebrar a paz recentemente assinada com Castela, quer para festejar o Natal com o Infante D. Henrique, quer para ver o movimento das embarcações que se preparam para largar para Ceuta. São momentos em que, como abundantemente sucedia na *Crónica de D. João I*, são relatadas diferentes opiniões sobre um mesmo facto, pontos de vista diversos. Os mais importantes do reino, os mais velhos, mostram-se satisfeitos com a paz que chega ao reino, mas

«outras repartições muy contrairas daquestas eram amtre os fidalgos mançebos (...) e assi alguus homees que nam tinham outro bem senam esperança do ganho que lhe auia de seer dado por auantagem que fezessem no feito de armas.» (p. 21).

É provável que Zurara tenha reescrito, nuns passos mais do que noutros, material preparado pelo seu antecessor. Tal procedimento não tinha, na época, o carácter reprovável que hoje lhe atribuímos. Cito, a propósito, Luís Miguel Duarte: «Importa dizer que, à época, se entendia menos a tarefa de cada um destes homens como um trabalho de autor, que escreveria e assinaria *livros* distintos, crónicas avulsas de reinados, e mais como um esforço continuado de reunião de materiais arquivísticos, de informações documentais e orais, de notas e apontamentos, em vista à redacção da grande obra: a *Crónica Geral do Reino*, naturalmente dividida de acordo com os sucessivos reinados. Creio que este aspecto explica, por um lado, a dificuldade em hoje sabermos, em certos casos, quem escreveu o quê, e, por outro, desvaloriza, por anacrónicas, algumas suspeitas de plágio. Utilizar todos os elementos cuidadosamente reunidos pelos antecessores para a prossecução da obra comum, a crónica geral do reino, era natural, legítimo e, em certa medida obrigatório para o titular do cargo de cronista-mor em exercício em cada momento. Este sabia que, à sua morte, outro arrancaria no ponto em que ele tinha interrompido, e a partir do acervo de informações que ele tivesse reunido.» (Duarte, L. M., no prelo).

Ora há passagens em que a *Crónica da Tomada de Ceuta* parece referir-se a alguém que, anteriormente ao seu autor, já tivesse escrito a história. Não são pas-

sagens claras. Zurara pode estar, por vezes, a falar de si próprio, mas cremos que, em certos momentos, há uma alusão a um outro cronista cujo material utilizou:

«(...) segundo rreal ordenança dos antigos estoriadores» (p. 11).

«Pareçeme diz *aquelle que escpreueo esta estoria*, que ueio os entendimeemtos destes gramdes príncipes amdar per as uagas assy como a naao quamdo amda no alto mar». (p. 42)

«A Deos diz o autor, e como posso eu fallar em estas cousas, que se nom demouam as antredanhas da uoomrade *pera hauer delle hua sabudosa lembrança*.» (p. 74) (sublinhados meus).

Quem será o autor que diz «adeus» e do qual Zurara tem «uma saudosa lembrança»? É justamente na parte inicial da crónica que mais interferências parece haver de um outro texto inicial reescrito em grau maior ou menor. Depois, no relato da aventura no Norte de África, sente-se cada vez mais o peso de Zurara, com os problemas históricos que os historiadores levantam à justeza do seu relato dos factos e que não cabe, a nós, ajuizarmos.

Uma vez que, no decurso do meu trajecto de investigação, o estudo do relato de discurso em Fernão Lopes e em Zurara surgiu na sequência da busca das origens do discurso indirecto livre, há um último aspecto que gostaria de referir. Do ponto de vista do estudo do relato de discurso, há a assinalar, em Zurara<sup>11</sup>, algumas sequências de discursos indirectos encadeados uns nos outros, todos dependentes de uma única oração subordinante, que Bally (1914) apontou como uma eventual origem para o aparecimento do discurso indirecto livre:

«(...) deu em rresposta que os feitos de Castella estauam assi empachados que elle por entam nom podia detreminar dereitamente que rresposta ouuesse de dar. (...) E que por ello tinha feito tregos com o rregno de Grada por çerto tempo. e que rrepousasse assi ata as ditas cousas serem findas. e que se a guerra com aquelle rreino começasse que elle o faria saber. e que entam poderia enuiar seu rrecado por declaraçam de sua vontade sobre a qual se teria conselho e lhe seria dada detreminadamente sua rresposta.» (p. 23).

Retomando o que sobre Fernão Lopes escrevi<sup>12</sup>, também no texto de Zurara se notam flutuações entre discurso directo e indirecto, que podem ser consideradas uma espécie de proto-discurso indirecto livre não intencional:

<sup>11</sup> Como já acontecia em Fernão Lopes.

<sup>12</sup> O «como» usado onde hoje utilizaríamos o «que», como conjunção integrante, é um traço já notado em Fernão Lopes e para o quel Epifânio da Silva Dias (cf. Dias, 1933: 257) chama a atenção: «E eu lhe rrespondi como era naturall da çidade de Lisboa.» (p. 56).

«(...) disserom a elRey que semelhantes cousas nom eram para teer em grande estima, porque disserom elles, tamto que a Rainha nossa senhora e madre for comtemte açerqua de nosso mouimento, o comdestabre nom he homem que comtradiga nehuaa cousa, que uos hordenardes por seruiço de Deos, (...)» (pp. 60-61).

«disse contra os seus. Que pois elRey seu senhor alli era tam preto que nom som mais de tres legoas ajmda que grandes seiam, que lhes seria desmesura.» (p. 71)

A relatos semelhantes a estes, Fludernik (1993) e Cerquiglini (1984), entre outros, chamam já discurso indirecto livre, mas estas sequências não têm a intencionalidade literária que marca este modo de relato depois de La Fontaine e Jane Austen, quando falamos do discurso indirecto livre que atinge a maturidade com o Realismo oitocentista. Não é de descartar a hipótese de esta hesitação discurso directo/discurso indirecto ter sido revisitada e conscientemente explorada, dadas as suas virtualidades expressivas, por escritores mais próximos de nós.

Um estudo como o presente, para que as suas conclusões possam ser seguras, necessita de ser complementado com um outro em que se cotejem edições e manuscritos, já que a forma de marcar, na escrita, o relato em discurso directo era, na época de Zurara, muito flutuante e ainda não fixada pelos operadores ou marcadores citacionais que hoje usamos. Temos, portanto, que ser cautelosos, quando chega a hora de tirar conclusões.

Embora abundantemente escrita tecendo, entre si, os relatos de discursos dos protagonistas, a *Crónica da Tomada de Ceuta* revela uma preocupação quase inexistente em relação à verosimilhança dos discursos relatados. Os protagonistas não se distinguem uns dos outros pelas palavras que usam, porque usam, de facto, palavras homogeneizadas pelo discurso do cronista, numa uniformidade de estilo desconcertante. Nas intervenções de grande extensão, não há lugar para a urgência do escudeiro de Álvaro Pais, nem para o desespero mal contido de Leonor Teles quando o Andeiro é assassinado. Zurara pretendeu, acima de tudo, defender a opção política de D. Afonso V. É ele quem fala, em última análise, através de quase todos os discursos relatados da *Crónica da Tomada de Ceuta*.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALLY, Charles, 1912 – «Le Style Indirect Libre en Français Moderne», I e II, *Germanisch-Romanische Monatsschrift*, Heidelberg, pp. 549-556 e 597-606.  
CERQUIGLINI, Bernard, 1984 – «Le Style Indirect Libre et la Modernité», in *Langages* n° 73, pp. 7-16.



- DIAS, Augusto Epifânio da Silva, 1933 – *Syntaxe Historica Portuguesa*, Lisboa, Livraria Clásica Editora, 2ª ed.
- DUARTE, Luís Miguel, (no prelo) – «A Crónica perdida de Vasco Fernandes de Lucena», Coimbra, número especial da revista *Biblos*, de homenagem ao Professor Salvador Dias Arnaut.  
(no prelo) – «Regresso a Ceuta», in *I portoghesi nel mediterraneo tra medioevo ed età moderna*, Cagleri, Consiglio Nazionale delle Ricerche, Istituto sui Rapporti tra Italo-iberia.
- FLUDERNIK, Monika, 1993 – *The Fictions of Language and the Language of Fiction, The linguistic representation of speech and consciousness*, London and New York, Routledge.
- GOMES, R. Costa, 1993 – «Zurara, Gomes Eanes de», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, (org. e coord. de Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani), Lisboa, Caminho, pp. 687-690.
- MONTEIRO, João Gouveia, 1988 – *Fernão Lopes. Texto e Contexto*. Coimbra, Minerva.
- SOUSA, Armindo de, 1994 – «Os cronistas e o imaginário no século XV (Breve reflexão sobre a crónica enquanto discurso)», in *Revista de Ciências Históricas*, Porto, Universidade Portucalense, vol. IX, pp. 43-47.

